

A BRINCADEIRA DA CAPOEIRA: O DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA NA INFÂNCIA POR MEIO DA LUDICIDADE

THE PLAY OF CAPOEIRA: THE DEVELOPMENT OF MOTOR COORDINATION IN CHILDHOOD THROUGH LUDICITY

Ricardo Martins Porto Lussac **1**
Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti **2**

Resumo: Patrimônio imaterial brasileiro e da humanidade, a capoeira, com seu conjunto de saberes e fazeres e, respectivamente, com seus processos pedagógicos específicos, possui uma riqueza singular de possibilidades de aproveitamento nos campos das Artes, da Educação e da Educação Física. Suas características multifacetada e polivalente podem proporcionar interessantes vivências lúdicas de aprendizado por meio de atividades educativas na educação infantil. Este estudo buscou investigar e analisar as possibilidades e benefícios do desenvolvimento da coordenação motora na infância por meio de práxis potencialmente lúdicas que envolvem o brincar da capoeira.

Palavras-chave: Brincar. Capoeira. Educação. Infância. Ludicidade.

Abstract: Brazilian and human immaterial heritage, capoeira, with its set of knowledge and practices and, respectively, with its specific pedagogical processes, has a unique wealth of possibilities for use in Education. Its multifaceted and versatile characteristics can provide interesting playful learning experiences through educational activities in early childhood education. This study sought to investigate and analyze the possibilities and benefits of developing motor coordination in childhood through potentially playful praxis that involve playing capoeira.

Keywords: Play. Capoeira. Education. Childhood. Playfulness.

Doutor em Educação pela UERJ. Professor na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. **1**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3941119561144531>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2406-2700>.
E-mail: ricardolussac@eefd.ufrj.br

Doutor em Educação pela UERJ. Professor no Programa de Pós-Graduação e da graduação em Música da UFPI. **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1728209127429787>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3513-3316>.
E-mail: ednardo@ufpi.edu.br

Introdução

A capoeira, patrimônio imaterial brasileiro e da humanidade, assim como um esporte de criação nacional, possui raízes profundas com a história do Brasil. Com ao menos dois séculos de existência, detém um conjunto de saberes e fazeres que foram desenvolvidos por diferentes processos culturais ao longo do tempo, e pelos quais ocorriam e ainda ocorrem processos de ensino-aprendizado responsáveis por transmitir arte, cultura e educação.

A capoeira possui pedagogias próprias, passadas de geração em geração, que serviram em sua trajetória para preparar e formar seus praticantes para suas vivências sociais e enfrentarem os desafios diversos do dia-a-dia em diferentes épocas.

A prática e o exercício da capoeiragem, seja por crianças, jovens, mulheres e homens adultos, foi reprimida e perseguida pelo Estado brasileiro até as primeiras décadas do século XX. A vigilância sobre as classes mais baixas da população foi constante e teve impacto significativo em seus processos de transmissão de conhecimento.

A legislação penal brasileira do início do século XX previa penas específicas, inclusive, para menores de 9 a 14 anos de idade, afastando da prática os possíveis aprendizes e futuros mestres, fazendo com que o controle sobre o comportamento dos cidadãos chegasse muito cedo à vida das famílias mais pobres. Neste sentido, as famílias passaram a evitar que seus filhos tivessem contato e aprendessem uma prática proibida por lei.

Ressalta-se, que ao mesmo tempo em que o Estado não provia a educação e as condições mínimas de dignidade para a grande parte da população desfavorecida “os agentes da repressão enxergavam os menores pobres, com seus pequenos delitos ou desordens, como futuros marginais, e os respectivos bandos que eles formavam como uma gestação ou escola de formação de maltas” (LUSSAC; MONTI, 2021, p. 76).

Ainda existe uma grande lacuna sobre os processos educativos e a prática de capoeira na infância durante os séculos XIX e XX, enquanto a capoeira foi criminalizada. Entretanto, é possível encontrar diversos estudos e fontes sobre os aspectos lúdicos e característicos do jogo neste período. Desde as suas primeiras evidências documentais existentes por meio de registros policiais e processos jurídicos verificados a partir da segunda década do século XIX, é possível constatar que a capoeira, além do claro elemento de luta e combate corporal, possuía características lúdicas muito presentes em seu jogo como simulacro de luta.

As características lúdicas, por mais que tenham ganhado novos contornos ao longo do tempo, permaneceram na capoeira de modo que se tornaram traços indelévels de sua constituição. O aspecto lúdico do jogo-luta remonta ao menos duzentos anos de existência e foi registrado inclusive por Rugendas (LUSSAC, 2013). Tanto que seus praticantes também chamam o seu jogo pelo termo vadiação, terminologia que agrega definições que contemplam os aspectos de ludicidade, lazer, brincadeira e, ao mesmo tempo, descompromisso, lazer, ócio, negação do trabalho e uma reinterpretação humorada da vadiação como contravenção penal.

A capoeira, mesmo com todo o preconceito até hoje existente (SANTANA, 2021; SILVA, 2010), gradativamente entrou em espaços institucionais e conquistou o reconhecimento nas áreas da cultura, do esporte e da educação. Com este reconhecimento também se tornou objeto de estudos acadêmicos – contribuindo, inclusive, para o fomento de conteúdos escolares previstos pela Lei Federal nº 11.645 – e seu grande potencial para a educação se destacou diante suas características únicas reunidas no jogo-luta.

O jogo como fenômeno pode ser interpretado como o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social e pode ser visto tanto como objeto, como um sistema de regras (KISHIMOTO, 2002). Neste sentido, a capoeira do século XXI é o resultado de todo um processo cultural pelo qual durante, ao menos, dois séculos determinou o seu conjunto de valores linguísticos e simbólicos pelos quais hoje é identificada e compreendida. Este processo também determinou dentro deste conjunto seus sistemas de regras e consignas pelas quais suas atividades, incluindo os seus tipos de jogos são praticados, assim em relação aos seus objetos, em relação à toda sua cultura material, que inclui seus lugares de prática e atividades, suas indumentárias, sua música e instrumentos, suas armas, equipamentos e objetos de prática, uso e treinamento (LUSSAC, 2014).

A capoeira, com seus processos pedagógicos específicos, possui uma riqueza singular de

possibilidades de aproveitamento na Educação, dentre elas, o desenvolvimento da coordenação motora de seus praticantes. Suas características multifacetada e polivalente podem proporcionar interessantes vivências lúdicas de aprendizado por meio de brincadeiras e atividades educativas na infância. Assim, este estudo buscou investigar e analisar as possibilidades e benefícios do desenvolvimento da coordenação motora na infância por meio de práxis potencialmente lúdicas que envolvem o brincar da capoeira.

A coordenação motora

Por mais que autores definam a coordenação motora com diferentes palavras, em sua grande maioria concordam com suas definições quando a apresentam como o aperfeiçoamento da capacidade de realizar gestos e movimentos de forma ótima e como um aspecto que garante a aquisição progressiva da consciência, da execução, da integração e da otimização de uma série de gestos e movimentos corporais a partir do desenvolvimento e combinação de um ou mais grupos musculares envolvidos, ao ponto de promover uma melhor eficiência de desempenho e melhor economia energética e psíquica e o mínimo de fadiga (TUBINO, 1984; GOMES da COSTA, 1996).

A coordenação motora é considerada um pré-requisito para o desenvolvimento do alto nível de performance que envolvam práticas corporais e atividades físicas diversas, sendo muito requisitada nas destrezas específicas de qualquer esporte, jogo ou brincadeira. (TUBINO, 1984; WEINECK, 1989).

A coordenação motora proporciona condições do domínio seguro sobre as ações motoras nas situações previsíveis (estereótipos) e imprevisíveis (adaptação), oferecendo um aprendizado de movimentos otimizado e apto a solucionar tarefas motoras. Quanto mais se desenvolve a coordenação motora, maior é a capacidade de controle e de aprendizagem de movimentos novos ou difíceis e mais precisos (WEINECK, 1989; ZAKHAROV, 1992).

Os movimentos dependem da maturação do sistema nervoso para as realizações mais complexas (OLIVEIRA, 2001). Para Neto (2002), deve-se respeitar o ritmo individual da criança, pois cada um tem um ritmo próprio não só pela sua individualidade, mas também pela maturação dos centros nervosos que não é idêntica e não ocorre do mesmo modo em todos.

A capacidade de coordenação incorpora as atividades que incluem duas ou mais capacidades e padrões motores. O desenvolvimento de todas as capacidades perceptivas é essencial para a evolução das potencialidades do indivíduo na aprendizagem cognitiva, psicomotora e afetiva (ALVES, 2003).

Uma ótima coordenação motora permite a realização de gestos difíceis e caracteristicamente complicados e uma boa eficiência mecânica, com precisão. O desenvolvimento da coordenação motora ocorre desde os primeiros meses de vida, sendo a infância a faixa etária mais favorável para isso. O sistema nervoso é uma importante variável condicionante do desenvolvimento da coordenação motora na medida em que o mesmo é responsável por processar todas as informações aferentes e eferentes que envolvem o sistema motor (TUBINO, 1984; ZAKHAROV, 1992).

O sistema nervoso coordena e controla todas as atividades do organismo, sendo o mesmo responsável pelo movimento, pelas ações e pela interação e integração do homem com os outros seres, com os objetos, com o ambiente e com o próprio indivíduo. Integra sensações e ideias, opera os fenômenos de consciência, interpreta os estímulos advindos da superfície do corpo, das vísceras e de todas as funções orgânicas e é responsável pelas respostas adequadas a cada um destes estímulos. Sendo uma das funções do sistema nervoso selecionar e processar as informações, o mesmo as canaliza para as regiões motoras correspondentes do cérebro para depois emitir respostas adequadas, de acordo com a vivência e experiência de cada indivíduo (OLIVEIRA, 2001).

Ao nascer o ser humano apresenta algumas estruturas já prontas, e definidas, mas há outras que ainda estão por desenvolver. Neste último caso encontra-se parte do sistema nervoso, que precisa de condições favoráveis para o seu pleno funcionamento e desenvolvimento. O córtex cerebral, substância cinzenta que reveste o cérebro e onde estão localizadas as

funções superiores, está presente no nascimento de forma ainda muito rudimentar e os anos iniciais de vida são cruciais para o pleno desenvolvimento desta estrutura. O córtex cerebral é o centro onde são avaliadas as informações e são processadas as instruções ao organismo.

Para que haja uma transmissão de informações, o córtex cerebral necessita de impulsos que lhe chegam dos receptores exteroceptivos, como: a pele, retina, ouvido interno, olfato, paladar; proprioceptivos, como: músculos, tendões e articulações; e interoceptivos: vísceras. A condução dos impulsos advindos desses receptores aos centros nervosos se faz através das fibras nervosas sensitivas ou aferentes e a transmissão aos músculos do comando dos centros nervosos é efetuada pelas fibras eferentes ou motoras. A velocidade dos impulsos nervosos se faz através do revestimento da bainha de mielina encontrada nas fibras nervosas e que é composta por colesterol, fosfatídeos e açúcares. Esta bainha possui a função não só de condução como também isolante (OLIVEIRA, 2001).

A criança nasce e chega ao mundo com a sua mielinização por fazer, isto é, com o seu sistema nervoso por e para acabar. Melhor ainda, com o seu sistema nervoso por e para aprender e, neste sentido, os educadores não podem ignorar a função dos gestos e dos movimentos como meios da mielinização das fibras nervosas. A bainha de mielina desempenha um papel importante na transmissão de informações, pois existe maior velocidade nas fibras mielínicas do que nas amielínicas. A infância pode ser entendida como o período mais crítico para a mielinização por o desenvolvimento neuronal ocorrer entre o sexto mês de gestação até por volta dos seis anos de idade (OLIVEIRA, 2001).

Deste modo, deve-se ter uma preocupação com a nutrição adequada da gestante e da criança em seus primeiros anos de vida, assim como, quanto ao oferecimento de estímulos favoráveis e que irão proporcionar uma otimização no processo de mielinização, por meio de uma estimulação neurológica com qualidade e com uma intensidade adequada de sinapses.

A sinapse é uma conexão entre os neurônios na qual um neurônio estimula o seguinte por meio da liberação de uma substância chamada neurotransmissor, propagando-se assim os impulsos nervosos e transmitindo informações. Os neurônios, como células do sistema nervoso com características diferenciadas, possuem as funções de receber e conduzir os estímulos. Aprender, neurologicamente falando, significa usar sinapses normalmente não usadas. O uso, portanto, de maior ou menor número de sinapses é o que condiciona uma aprendizagem no sentido neurológico (OLIVEIRA, 2001).

Estímulos diversos colaboram para o desenvolvimento da coordenação motora. Entretanto, os estímulos visual e auditivo são muito ricos culturalmente em informações para o aprendizado da capoeira. Weineck (1989) afirma que a informação óptica e a informação verbal, como métodos e conteúdos da instrução das capacidades de coordenação, são métodos e medidas que tendem a criar uma representação motora.

Ressalta-se, que na capoeira, mesmo que empiricamente, os métodos supracitados, sempre foram utilizados como forma de transmissão do saber corporal, pois tanto de forma verbal, como por observação visual (óptica), esta aprendizagem ocorria e ainda ocorre nos dias atuais, sendo a reprodução ou imitação uma importante forma de processo pedagógico na infância. Por ser uma modalidade de luta e um jogo entre duas pessoas, a capoeira pode ser compreendida como um esporte de oposição e, com isso, agrega características singulares sobre o desenvolvimento da coordenação motora por meio de sua prática:

Essas modalidades são também excelentes para a instrução geral e destreza. A oposição direta de um adversário pouco previsível exige não só um máximo de capacidade de coordenação, mas ainda a capacidade física de "performance". No domínio das capacidades de análise, eles melhoram principalmente os analisadores cinestésico, tátil e óptico. (WEINECK, 1989, p. 178).

Cada modalidade esportiva ou tipo de prática corporal possui suas características singulares que acabam corroborando para o desenvolvimento de certos aspectos da coordenação motora, como no caso dos jogos de oposição ou esportes de combate, entre eles a capoeira,

pois “através do jogo a criança faz a experiência do processo cultural, da interação simbólica em toda a sua complexidade” (BROUGÈRE, 2015, p. 32). Do mesmo modo que Brougère (2010) entende que a brincadeira de guerra permite a criança passar simbolicamente pela experiência da violência, podemos compreender que a brincadeira do jogo da capoeira, como simulacro de luta, permite a criança passar simbolicamente por um combate corporal.

A prática corporal ou modalidade esportiva possui suas características singulares e específicas. De acordo com Weineck (1989), as capacidades de coordenação distinguem-se em gerais e especiais. Para este autor, as capacidades de coordenação gerais são o resultado de uma instrução de movimento polivalente nos diferentes esportes. Elas manifestam-se, portanto, nos diferentes campos da vida cotidiana e do esporte. Já as capacidades de coordenação especiais desenvolvem-se mais pontualmente no quadro da modalidade esportiva considerada com as variações técnicas próprias e específicas da modalidade, onde diversas combinações de componentes nas dosagens infra-estruturais específicas recebem uma posição nitidamente prioritária. Segundo Bechara: “Destreza motora na capoeira é a capacidade adquirida, por aprendizagem, de executar os movimentos de capoeira com grande habilidade em função do jogo” (BECHARA, 1985, p. 42), ou seja, de acordo com este autor, o jogo é um dos aspectos que condicionam o ensino da capoeira e o respectivo desenvolvimento específico de suas destrezas.

Weineck (1989) propõe formas de desenvolvimento de métodos e conteúdos das capacidades de coordenação ao indicar métodos por variação e combinação de exercícios para acentuar as capacidades coordenativas, como: variação da posição inicial, variação da execução do exercício, variação da dinâmica motora, variação da estrutura espacial, variação das condições externas, variação da tomada de informação, combinação de habilidades motoras e exercício em aceleração forçada. Tais variações e diversidade de possibilidades de treinamento e de atividades acabam oferecendo outros diferentes estímulos, enquanto as combinações favorecem a criatividade e a imaginação. Em trabalhos com a capoeira podemos sugerir a sua utilização da seguinte forma:

a) Variação da posição inicial: mudando a posição inicial de algum movimento, golpe ou gesto, de maneira que a nova dificuldade imposta, possa ajudar a prevenir quanto a futuras condições imprevistas numa luta ou jogo de capoeira;

b) Variação da execução do exercício: executar um exercício em simetria lateralmente oposta ou com alguma variação pré-estabelecida, sempre de forma a obedecer uma progressão pedagógica;

c) Variação da dinâmica motora: executar um exercício mais rápido ou mais lentamente ou mesclar estas duas variantes de velocidade num mesmo movimento, propiciando o acordo com diferentes situações, desenvolvendo também, deste modo, a estruturação temporal por meio dos aspectos rítmicos;

d) Variação da estrutura espacial: diminuir ou aumentar o espaço da roda, do jogo ou do treinamento, podendo incluir a utilização de objetos diversos, típicos da cultura material da capoeira, acessórios diversos para treinamento de forma a otimizar o desenvolvimento da estruturação espacial, tanto para a execução de golpes como para de gestos e movimentos da capoeira. Também procurar diferentes ambientes, que tenham uma maior dificuldade como pilastras, árvores, pedras, planos inclinados, entre outros, para o desenvolvimento dos alunos mais avançados;

e) Variação das condições externas: procurar diferentes ambientes, como pisos diferenciados e relativos ao ambiente como: chuva fraca¹, vento fraco e sem perigo de galhos caírem, diferenças de temperatura e luminosidade, entre outros fatores interessantes que

¹ Nunca se deve brincar, treinar ou praticar exercícios e atividades em ambientes fechados molhados, próximos aos equipamentos elétricos ou em locais abertos quando o clima estiver sob relâmpagos.

venham proporcionar maior vivência com diferentes tipos de espaços, devendo, sempre que possível, proporcionar maior interação como o meio ambiente por meio destas atividades, contudo sempre observando a atenção para as dificuldades impostas no treinamento, para que estas estejam adequadas ao praticante e sua respectiva faixa etária, visto também, principalmente, o fator segurança, que deve ser risco zero ou o mais próximo disto. Neste caso, os possíveis riscos existentes toleráveis são os eventuais, os comuns da vida cotidiana da infância;

f) Variação da tomada de informação: considerando que a tomada de informação óptica, acústica, estático-dinâmica, tátil e cinestésica e sua elaboração são importantes para o controle motor, pode-se influenciar esse último por uma redução ou aumento das informações apresentadas e estímulos fornecidos;

g) Exercício em aceleração forçada: aspecto que depende do fator externo, podendo este ser um outro jogador, onde por meio de pressão o praticante se vê obrigado a mudar a execução de um movimento (acelerando-o, diminuindo a velocidade, aumentando a força explosiva, entre outros), a fim de acompanhar o ritmo do jogo e também de se proteger – esquivando, desviando ou bloqueando – para não receber um golpe. Há de se levar em consideração, neste caso, que este tipo de atividade pode levar a fadiga.

Ao se constatar a fadiga a brincadeira, a atividade ou o treinamento da coordenação não deve ser continuado, tendo em vista que este é um fator prejudicial para os processos de controle e para o desenvolvimento da coordenação motora, não sendo indicado para a execução de gestos motores que requerem acentuado grau de desenvolvimento motor. Inclusive, exercícios e atividades físicas direcionados para a infância não devem fazer chegar as crianças em um estado de fadiga. O mais indicado sempre será o desenvolvimento por meio de atividades lúdicas e livres, respeitando e proporcionando às crianças seus próprios limites de esforço;

h) Combinação de habilidades motoras: todas as habilidades motoras solicitadas devem ser dominadas e aperfeiçoadas separadamente, caso contrário, as combinações não serão bem sucedidas, isto é, as sequências de movimentos e golpes da capoeira, pré-determinadas ou não, só serão bem realizadas se estes estiverem razoavelmente dominados para após, no somatório que é a sequência, estarem e propiciarem uma perfeita combinação, de modo harmônico dentro de uma progressão pedagógica. É oportuno, neste caso, estimular o desenvolvimento da criatividade de movimentos e a imaginação de sequências novas.

A compreensão de que um todo pode se decompor em partes refere-se à percepção de análise e o procedimento da recomposição dessas partes, para formar um todo, refere-se à percepção de síntese (SANTOS, 1990). Neste sentido, a prática da capoeira pode oportunizar à criança – por meio dos seus movimentos individualizados e, posteriormente, por meio do uso desses movimentos em sequências no jogo da capoeira propriamente dito – o desenvolvimento da percepção da análise, assim como também da percepção de síntese, por estar envolvendo um todo, a decomposição desse todo, sua recomposição, sua reconfiguração e a sua ressignificação, estimulando a criatividade e a imaginação envolvendo diversos aspectos pertinentes ao aprendizado da capoeira.

A capoeira como brincadeira educativa assume as funções lúdica e educativa. Como função lúdica, quando escolhido voluntariamente, proporciona diversão, prazer e até desprazer. Como função educativa promove sabedoria, aquisição de conhecimentos por meio de ensinamentos e da apreensão do mundo (KISHIMOTO, 2002).

O ato de brincar livre, onde o lúdico está presente, parece ser incompatível com a busca de resultados esperados por processos educativos. Isto ocorre pois não se pode esperar que uma brincadeira livre atinja os resultados objetivados pelo educador. A natureza de liberdade da brincadeira livre pode conduzir a criança para outras vivências e experiências as quais podem fugir do planejado (KISHIMOTO, 2002). Nem por isso ela deixa de possuir um potencial educativo.

Ressalta-se que no caso de brincadeiras livres e espontâneas, pelas quais são desenvol-

vidas a criatividade e a imaginação da forma mais livre de exploração por meio das vivências e experiências pessoais, os educadores possam exercer outras visadas pedagógicas, também com maior liberdade e criatividade, aproveitando os resultados e as características destas práticas e, percebendo-as como oportunidades pedagógicas, possam trabalhar para atingir objetivos não planejados, mas sim, aproveitados como resultados interessantes para a educação. Os resultados podem ser analisados e ajustados com brincadeiras e outros processos educativos planejados a fim de se obter melhores resultados de desenvolvimento sem deixar de proporcionar momentos de liberdade, criatividade e imaginação para as crianças.

Seja de forma livre ou por meio de atividades propostas, as brincadeiras são muito utilizadas como aquecimento em aulas de capoeira com crianças. E sendo “indiscutível que a cultura lúdica participa do processo de socialização da criança” (BROUGÈRE, 2015, p. 32), proporcionar momentos de ludicidade para as crianças durante a infância propicia a sua interação e integração com o meio social.

Freitas orienta que as brincadeiras em aulas de capoeira devem ter “elementos chaves, palavras e significados que se usavam na época para poder se dar mais realismo e transmitir a história da própria capoeira” (2007, p. 29). Contudo, certas brincadeiras – com seus respectivos conteúdos práticos e nomeadas como: capitão do mato, senzala, senhor de engenho, quimombo, entre outras – muitas delas propostas por livros publicados com esta finalidade e que são utilizadas por educadores e mestres de capoeiras, comportam termos e brincadeiras que mais se alinham com imaginários e especulações acerca da história da capoeira do que propriamente se pode verificar em pesquisas com rigor científico e baseadas em fontes documentais.

Neste sentido, é necessário se rever tais práticas pedagógicas adequando-as ao que se pode verificar por meio de publicações com melhor rigor em suas metodologias de pesquisa e respectivas fontes analisadas. Do mesmo modo que é necessário se conhecer mais profundamente os aspectos sócio-históricos da capoeira, para propor brincadeiras e atividades e aplicar exercícios e sequências que atendam os níveis de conhecimento das crianças sobre a capoeira é necessário ao menos uma avaliação inicial. “É de fundamental importância que a pedagogia da capoeira tenha como alicerces o diagnóstico de quem é o aluno, e em que nível de motricidade ele se encontra” (BECHARA, 1986, p. 24).

Para isso, é indicado que se realize avaliações do desenvolvimento psicomotor dos alunos. Uma boa opção neste sentido é a utilização da Bateria Psicomotora (BPM) de Vitor da Fonseca (1995), instrumento de baixo custo e de fácil aplicação, inclusive já utilizado em avaliações pertinentes à prática da Capoeira (BRITO, 2014).

Entretanto, ainda que o educador ou mestre de capoeira não utilizem nenhum procedimento de avaliação psicomotora, é importante que, mesmo que por meio da observação e de forma empírica, se avalie pacientemente, com sensibilidade e com bom senso o desenvolvimento da coordenação motora dos alunos em relação aos gestos, golpes e movimentos da capoeira, para poder agir com o mínimo de conhecimento necessário para uma correta intervenção psicomotora, corrigindo as posturas inadequadas, a relação entre a postura e o controle do corpo, sua resistência e deficiência na realização de um movimento, agindo e transmitindo a segurança necessária para o desenvolvimento de uma coordenação mais satisfatória e otimizada por meio de atividades potencialmente lúdicas e prazerosas, obedecendo uma progressão pedagógica adequada e individualizada que motivem os alunos, tendo em vista que a “prática da capoeira sem motivação é totalmente ineficaz, porque as destrezas motoras complexas não são aprendidas senão com um esforço e uma atenção intensas por parte do aluno” (BECHARA, 1985, p. 44).

O prazer e a satisfação são importantes fatores para o desenvolvimento da coordenação motora e motivação de aquisição das destrezas motoras da capoeira, pois, a “aquisição das destrezas motoras é favorecida pela satisfação sentida quando os movimentos corretos são efetuados e prejudicada pela ausência de prazer sentida quando os movimentos são incorretos”. (BECHARA, 1985, p. 44).

Para Bechara (1985), ao ensinar a capoeira, o professor deve construir e proporcionar para que o aluno desenvolva sentimentos de satisfação e prazer ao conseguirem realizar movimentos corretos. De acordo com este autor, “As pessoas são mais dadas a repetir experiências

agradáveis e que, por outro lado, as satisfaçam. A satisfação traz um reforço da associação entre estímulo e reação” (BECHARA, 1985, p. 44).

Quando os movimentos básicos da capoeira são consolidados pelo aluno, é criada uma base para se progredir com prazer e segurança e, com isto, retroalimentar as atividades potencialmente lúdicas mais específicas e com maior grau de dificuldade sem que o prazer por elas seja comprometido e, conseqüentemente, também o aprendizado esperado. É por meio do desenvolvimento dessas bases bem assimiladas que se pode progredir com os processos pedagógicos.

As destrezas motoras não podem ser aprendidas sem treinamento, e na aprendizagem da capoeira esse treinamento exige numerosas repetições dos movimentos e uma teorização da prática, para que a relação ensino-aprendizagem, seja além de tudo um processo consciente. (BECHARA, 1985, p. 42).

O prazer pela atividade deve ser uma das premissas em trabalho com a capoeira na infância. As repetições de movimentos, muito interessantes para a memorização motora, não podem ser trabalhadas de forma tecnicista, objetivando a performance em detrimento do brincar. O brincar é o foco do trabalho com a capoeira na infância. O brincar, neste sentido, deve ser levado à sério, como o principal meio de ensino da capoeira para crianças e todas as atividades e propostas devem se pautar no e pelo brincar. A capoeira, portanto, sem perder seus aspectos identitários, culturais e tradicionais, deve ser desenvolvida por meio de uma de suas principais características: a brincadeira.

A capoeira é um jogo sério que se identifica como um entretenimento, ao qual a criança se entrega com liberdade corporal; procura este jogo apenas pelo princípio do prazer de jogá-lo. Daí a capoeira torna-se primordial à criança. (SANTOS, 1990, p. 47).

De acordo com o mestre Gladson, “ o lúdico é próprio do mundo da criança, que se encanta com a capoeira quando encontra nela esses elementos” (SILVA, 2008, p. 49). Entretanto, nem sempre as brincadeiras e atividades são prazerosas para a criança, podendo ela perder esse encanto pela capoeira e sua prática provocar, inclusive, o desprazer. Atividades desprazerosas não só desmotivam o aluno, fortalecendo o abandono da prática, mas sobretudo, podem ser motivos de estresse. O estresse infantil na capoeira, de acordo com Barros (2012) é um mal que pode provocar sérios danos à criança e deve ser diagnosticado e tratado o quanto antes.

O estresse atua sobre diretamente sobre o tônus muscular e um tono desajustado prejudica o desenvolvimento da coordenação motora que requer uma harmonia ótima de tons para a execução de gestos, movimentos e golpes de capoeira que necessitam de uma coordenação motora bem desenvolvida (LUSSAC, 2009). Deste modo, a sensibilidade do educador e mestre de capoeira e, respectivamente, o olhar diagnóstico e perceptivo individualizando quando se trabalha com grupos são fatores essenciais para um saudável e bom andamento do processo educativo por meio da capoeira.

A prática da capoeira deve procurar contemplar o desenvolvimento de seus praticantes para o modo de vida contextualizado, ou seja, onde vivem e de acordo com suas necessidades. Proporcionar o desenvolvimento de habilidades que serão úteis no cotidiano, além de alinhar com o contexto do alunado, pode proporcionar um prazer maior por se perceber os resultados do desenvolvimento individual e coletivo por meio da capoeira. A coordenação motora, por exemplo, pode ser um dos benefícios desenvolvidos por meio das práticas lúdicas e do brincar da capoeira.

É preciso certas habilidades, que são essenciais, para uma pessoa manipular objetos da cultura em que vive. Ela também precisa saber se movimentar no espaço com desenvoltura, habilidade e equilíbrio – desenvolvendo a coordenação ampla –, e ter o domínio dos gestos necessários para a manipulação de instrumentos – desenvolvendo a coordenação fina, por exemplo.

Para uma melhor compreensão e desenvolvimento da coordenação motora esta pode ser subdividida em coordenação motora global, ampla ou geral e coordenação motora fina. Outras subdivisões podem ser feitas, como: coordenação motora facial, coordenação motora óculo-manual e óculo-pedal. Tais especificidades auxiliam o educador e mestre de capoeira a elaborar os objetivos a serem trabalhados em suas atividades e na escolha dos gestos, movimentos e golpes da capoeira pretendidos no aprendizado e nas vivências lúdicas.

A coordenação motora global

A coordenação motora global é a coordenação existente entre os grandes grupamentos musculares. Para a criança, é mais fácil fazer movimentos simétricos e simultâneos, pois só em uma segunda etapa é que ela movimentará os membros separadamente. Para uma criança, por exemplo, interromper subitamente um movimento é difícil, mas esse controle muscular é indispensável para, futuramente, facilitar a sua caligrafia e concentração necessária à aprendizagem escolar (ALVES, 2003), assim como, para a execução de gestos, movimentos e golpes de capoeira que requeiram um alto grau de controle motor.

A motricidade ampla, pode ser desenvolvida na criança através do jogo da capoeira, por motivo do mesmo desenvolver a coordenação dinâmica ou estática geral, através das ações simultâneas dos grandes grupos musculares, as quais exigem das crianças a perfeita harmonia na sincronização de seus movimentos. (SANTOS, 1990, p. 42).

A coordenação global diz respeito à atividade dos grandes músculos. Depende da capacidade de equilíbrio postural do indivíduo. Este equilíbrio está subordinado às sensações proprioceptivas cinestésicas e labirínticas. Por meio da movimentação e da experimentação, o indivíduo procura seu eixo corporal, vai se adaptando e buscando um equilíbrio cada vez melhor. Consequentemente, vai coordenando seus movimentos, vai se conscientizando de seu corpo e das suas posturas. “A perfeição progressiva do ato motor implica um funcionamento global dos mecanismos reguladores do equilíbrio e da atitude” (NETO, 2002, p. 16). Quanto maior o equilíbrio, maior a economia energética da atividade do sujeito e mais coordenadas serão as suas ações (OLIVEIRA, 2001). Para Alves, “não pode haver coordenação de movimento sem um bom equilíbrio [...] o equilíbrio é a base primordial de toda a coordenação geral” (2003, p. 60), assim como, para Neto: “O equilíbrio é a base primordial de toda ação diferenciada dos segmentos corporais” (2002, p. 17). A coordenação global necessita de uma perfeita harmonia de jogos musculares – de seu tônus muscular – em repouso, uma harmonia, ou em equilíbrio estático, e em movimento (ALVES, 2003):

Coordenação estática

- Quando se realiza em repouso. É dada pelo equilíbrio entre a ação dos grupos musculares antagonistas, estabelece-se em função do tônus e permite a conservação voluntária das atitudes.

Coordenação dinâmica

- Quando a coordenação se realiza em movimento, põe em ação simultâneos grupos musculares diferentes, tendo em vista a execução de movimentos voluntários mais ou menos complexos. (ALVES, 2003, p. 57).

Quando a criança está capacitada a este funcionamento global dos segmentos corporais, certas condições de execução permitem reforçar determinados fatores de ação, como: vivacidade, força muscular, resistência, entre outros. Estes fatores desenvolvem também o controle da motricidade espontânea, à medida que a situação-problema exige o respeito a certas consignas que definem as condições de espaço e de tempo em que se deve desenvolver a tarefa.

Durante as brincadeiras livres, as outras crianças e o meio é que fornecem à criança as

situações e os materiais para a sua atividade de exploração, ou seja, a imaginação da criança cria suas próprias experiências. É por meio da brincadeira espontânea que ela descobre os ajustes diversos, complexos e progressivos da atividade motriz, resultando em um conjunto de movimentos coordenados em função de um fim a ser alcançado (NETO, 2002).

Para Neto (2002), o movimento motor global, mesmo o mais simples, é um movimento sinestésico, tátil, labiríntico, visual, espacial e temporal. Os movimentos dinâmicos corporais desempenham um importante papel na melhora dos comandos nervosos e no afinamento das sensações e das percepções. O que realmente é educativo na atividade motora não é a quantidade de trabalho efetuado e nem o seu registro quantitativo, um valor numérico alcançado, por mais que a repetição seja algo importante para a memorização motora, mas sim, o controle de si mesmo, obtido pela qualidade do movimento executado, isto é, da precisão e da maneira de execução que acabam sendo fatores consideráveis nos processos educativos.

É preciso alcançar a plena dissociação de movimento, dissociação esta que implica um certo grau de maturação neuromotora e que passa por diversos estágios. Os movimentos têm uma evolução fisiológica que se traduz pela diminuição progressiva dos movimentos associados e, como consequência dela, pela independência no aumento dos grupos musculares. É esta independência que produz a dissociação dos movimentos (ALVES, 2003). A dissociação dos movimentos segue a ordem do simples para o complexo, do interno para o externo, do próximo para o distal. Deste modo, os exercícios e atividades de capoeira direcionados para o público infantil devem obedecer esses princípios e ser pensados com essa característica de progressão.

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a dissociação de movimentos. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo, cada membro realizando uma atividade diferente, havendo uma conservação de unidade do gesto (OLIVEIRA, 2001). Quando uma pessoa toca berimbau, por exemplo, em geral, quando destra, a mão direita segura a vareta e o caxixi, que ao tocar bate no arame e, a mão esquerda, segura o berimbau, afastando-o ou trazendo-o à barriga, e o dobrão, que apertando-o ou encostando-o no arame, “dobra” o som. São movimentos diferentes que trabalham juntos para conseguir uma mesma tarefa, também, havendo nesta, a implicação da coordenação fina e óculo-manual, além da coordenação motora global, já que envolve grandes grupamentos musculares dos membros superiores. Entretanto, o ensino do toque de berimbau na infância deve ser adaptado à essa faixa etária. Poucos mestres de capoeira oferecem um pequeno berimbau, leve, feito preferencialmente de bambú, para as crianças aprenderem.

“A tomada de consciência do corpo é necessária para a execução e o controle dos movimentos precisos que vão ser executados.” (ALVES, 2003, p. 56). Segundo Oliveira (2001), diversas atividades levam à conscientização global do corpo, como andar ou gingar, que são atos neuromusculares que requerem equilíbrio e coordenação; outras como: correr, saltar, rolar, pular, arrastar-se, nadar, lançar-pegar, sentar, movimentos diversos que precisam de resistência, força muscular e outras qualidades físicas para a realização destes. De acordo com Neto (2002), quando as crianças brincando vivenciam vários movimentos, isso tudo é o relaxamento corporal, o bem estar da liberação física, pela qual pode ser desenvolvida por meio de atividades potencialmente lúdicas, como a capoeira.

Esta experimentação do corpo leva ao desenvolvimento do esquema corporal, que, por sua vez desenvolve concomitantemente a consciência corporal por meio dos processos cognitivos e afetivos envolvidos, assim como, a imagem corporal. Este desenvolvimento ganha relevância ao se entender que a representação mental do movimento e dos gestos motores são fundamentais para a concretização de um plano de ação. Para Alves (2003), o movimento se realiza numa relação entre uma imagem, gnosia, e um conjunto de deslocamentos segmentares que se associam com vistas a um determinado fim, isto é, uma relação entre um plano de ação e a respectiva concretização, praxia.

A coordenação fina e outras específicas

A coordenação motora fina é uma coordenação segmentar com a utilização das mãos

exigindo precisão nos movimentos para a realização das tarefas complexas, utilizando também os pequenos grupos musculares (ALVES, 2003). Entretanto, algumas pessoas possuem o desenvolvimento da coordenação motora fina também por meio da utilização dos pés com habilidades diferenciadas.

A coordenação fina diz respeito à habilidade e destreza manual e constitui um aspecto particular da coordenação global. Deste modo, é necessário que existam condições de desenvolver formas diversas de pegar os diferentes objetos. Para que uma criança atinja a etapa de coordenar seus movimentos finos de forma precisa e com uma certa velocidade necessita realizar um trabalho bem intenso de exercitação.

As mãos têm uma importância enorme para o recém-nascido na exploração do mundo exterior. Inicialmente, por não possuir maturidade neurológica suficiente para conseguir pegar os objetos, sua característica principal de pega é inteiramente reflexa. Pouco a pouco vai desenvolvendo mecanismos necessários à realização da mesma, mas só após os doze meses de vida é que a preensão se adapta à forma e ao uso dos objetos, aquisição esta desenvolvida por imitação, por experimentação ativa ou mesmo por acaso durante experimentações. Uma coordenação elaborada dos dedos da mão facilita a aquisição de novos conhecimentos. Por meio do ato de preensão, é que uma criança vai descobrindo pouco a pouco os objetos de seu meio ambiente. Neste sentido, é possível compreender as mãos como uma das formas mais propícias para a descoberta do mundo e do desenvolvimento da inteligência (OLIVEIRA, 2001).

A motricidade fina, só poderá se efetivar na criança a partir do momento em que se oportunizar a ela atividades que além de envolver os grandes músculos, possam mais especificamente atuar nos pequenos grupos musculares. A capoeira como uma atividade completa em elementos psicomotores, pode através de seus cantos, musicalização e instrumentação, além dos seus movimentos expressivos corporais, oportunizar às crianças um desenvolvimento fidedigno da motricidade fina, contribuindo de forma satisfatória na coordenação motora fina. (SANTOS, 1990, p. 42 e 43).

Só possuir uma coordenação fina não é suficiente. É necessário que haja também um controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão ou do corpo, o que chamamos respectivamente de coordenação óculo-manual ou visomotora. A coordenação óculo-manual ou visomotora é a habilidade de coordenar a visão com movimentos das mãos e do corpo. Na ausência de uma adequada coordenação óculo-manual ou visomotora, a criança se mostra desajeitada em todas as suas ações, apresentando dificuldades na escola. O desenvolvimento de uma boa coordenação geral é indispensável como pré-requisito (ALVES, 2003).

A coordenação óculo-manual ou visomotora se efetua com precisão sobre a base de um domínio visual previamente estabelecido ligado aos gestos executados, facilitando assim, uma maior harmonia do movimento. Esta coordenação é essencial para a escrita. Um dos aspectos que a experimentação do corpo todo favorece é a interdependência do braço em relação ao ombro, e a interdependência da mão e dos dedos, fatores decisivos de precisão da coordenação visomotora. Tanto a escrita, como por exemplo, a utilização dos instrumentos musicais e das armas brancas da capoeira, necessitam desta independência dos membros para se processar de maneira econômica, sem cansaço, e para que o indivíduo consiga controlar a pressão sobre os dedos (tônus muscular). Neste sentido experiências dinâmicas como lançar-pegar são muito importantes para isto, pois facilitam a fixação da atividade entre o campo visual e a motricidade fina da mão e dos dedos, provocando uma maior coordenação óculo-manual (OLIVEIRA, 2001).

O ensino da escrita e também de alguns instrumentos musicais da capoeira exigem também uma certa coordenação global, como o ato de sentar, onde precisa-se adquirir uma postura correta para realizar os movimentos determinados, no sentido de torná-los mais posturalmente mais cômodos, facilitados, relaxados e menos cansativos. Além disso, é preciso adquirir uma dissociação e controle dos movimentos, como também, ter uma lateralidade bem definida, facilitando tais procedimentos (OLIVEIRA, 2001).

Neste caso, atividades que contemplam a música da capoeira, desenvolvendo o canto, as palmas e a utilização de instrumentos musicais, além de terem um enorme potencial lúdico envolvido com aspectos culturais, proporcionam não só o desenvolvimento da coordenação ampla, da coordenação fina, mas sobretudo, da coordenação audiomotora, que pode ser compreendida como a capacidade de transformar em movimentos o comando sensibilizado pelo sistema auditivo (ALVES, 2003).

A inibição voluntária, que corresponde ao freio dos movimentos e ocorre por meio de interações cinestésicas e visuais, é um importante componente de controle e um aspecto a ser desenvolvido para responder às exigências de precisão, onde são encontradas no toque dos instrumentos musicais da capoeira, na utilização de objetos, e em gestos, golpes e movimentos da capoeira. A visão possui um papel preponderante na manutenção e retomada do movimento ou gesto motor (OLIVEIRA, 2001, p. 44)

Para a coordenação destes atos, é necessária a participação de diferentes centros nervosos motores e sensoriais que se traduzem pela organização de programas motores e pela intervenção de diversas sensações oriundas dos receptores sensoriais, articulares e cutâneos do membro requerido. O encéfalo utiliza as informações visoespaciais, das quais se extraem também parâmetros temporais para gerar movimentos guiados pela visão. Todavia, esse mecanismo, segundo Neto (2002), ainda precisa ser melhor esclarecido.

A fixação visual necessita sucessivamente da visão periférica; em seguida, das sacudidas oculares que restabelecem o olho em uma visão central que os movimentos de perseguição tendem a manter quando o alvo se movimenta. Esse “agarre ocular” envolve a montagem de um programa motor de transporte da mão e de sua disposição para agarrar o objeto que, após a manipulação, pode ser evitado. O êxito dessa atividade em cada uma de suas etapas varia na criança conforme o nível de aprendizado e conforme a evolução de seu desenvolvimento motor (NETO, 2002).

De acordo com Neto (2002), o córtex pré-central corresponde à motricidade fina e tem um papel fundamental no controle dos movimentos isolados das mãos e dos dedos. A importância das áreas cortico-sensomotoras das mãos e dos dedos faz ressaltar a fineza extrema dos controles táteis e motores. As explorações táteis e palmatória permitem o reconhecimento das formas sem a intervenção da visão. As informações cutâneas e articulares associadas à motricidade digital proporcionam as indicações a partir das quais as formas podem ser reconstituídas.

A coordenação visomotora é um processo de ação em que existe coincidência entre o ato motor e uma estimulação visual percebida. Esse tipo de dinamismo somente pode dar-se em indivíduos videntes. Os não-videntes transferem as percepções visuais por outros meios de informação: guias sonoros outorgados pela explicação verbal, pelas percepções táteis, entre outros, os quais lhes outorgam dados sobre os quais elaboram a coordenação dinâmica necessária. Essas percepções iniciais de exploração e de tato preparam a execução sob a forma de ensaio; logo, a repetição do mesmo movimento afirma o modelo prático elaborado e, finalmente, permite a interiorização do gesto por meio da representação mental da ação que, precedendo ao movimento, possibilita a execução com grande eficácia e segurança. Portanto, nessa situação, não existe coordenação oculo-manual ou visomotora, há apenas um dinamismo manual conjunto (NETO, 2002).

A perfeição dos atos visomotores depende também da possibilidade de uma realização interiorizada, precedendo a execução e logo dirigindo-a (OLIVEIRA, 2001). Isto significa que, quanto melhor a capacidade de realização interior – que é facilitada por uma melhor memória, memória esta também corporal e correlativa com a experiência de um aprendizado concreto – maior a probabilidade otimizada da perfeição dos atos visomotores. Isto, portanto, tem estreita correlação com o desenvolvimento da representação mental dos gestos e movimentos que, por sua vez, é desenvolvida conjuntamente com a imagem e consciência corporal.

A coordenação visomanual se elabora de modo progressivo com a evolução motriz da criança e do aprendizado. Visão e feedback perceptivo-motor estão estruturados e coordenados visando produzir um comportamento motor adaptado em qualquer situação (NETO, 2002).

A coordenação facial

A coordenação facial é o primeiro e mais importante modo de comunicação interpessoal. Efetivamente, são os olhos a fonte mais usada, mais fascinante, mais rica, mais ativa e rápida de comunicação (ALVES, 2003). Não por acaso, os olhos sob a perspectiva popular também são considerados a “janela da alma”.

As expressões faciais são fontes inesgotáveis de comunicação não verbal (CNV). Olhos, sobrancelhas, pestanas, testa, cabeça, queixo, nariz, lábios e boca são os ingredientes da comunicação primeiramente integrados no bebê, muito antes da fala. A motricidade facial, expressiva e singular de primatas e humanos são potentes sistemas de transmissão de mensagens não verbais. A contração voluntária da musculatura facial tem muita importância, pois é o começo da expressão de estados mais abstratos, como o medo, a negação e a ansiedade, por exemplo. Com o enriquecimento da mímica, aparecem os primeiros rudimentos de uma comunicação ao nível simbólico (ALVES, 2003).

A linguagem falada é uma aquisição da espécie humana, desenvolvida desde o homem primitivo, por meio de gestos, da mímica e dos sons inarticulados até a linguagem articulada. De acordo com Alves (2003), muitos autores, conhecendo os pré-requisitos fisiológicos, têm assinalado a necessidade de exercitar os movimentos primários pré-linguísticos de sucção, mastigação e deglutição² como precursores da fala.

Na capoeira a coordenação facial é de suma importância para os jogadores. Por meio da expressão facial, pode-se observar as emoções, sentimentos e até pensamentos do jogador. O controle da expressão facial é importante para o jogador não “telegrafar” ou “entregar” o jogo e jogar com sabedoria ao omitir expressões que podem comprometer o seu jogo e a si. Isto vale também como técnica de luta e defesa pessoal. Esta qualidade pode ser útil, de maneira que, saber controlar as expressões faciais e também corporais, pode ajudar ao praticante de capoeira no seu dia a dia, em diversas situações, tanto positivas, quanto negativas.

Esse controle está intimamente relacionado com o tônus muscular e com questões afetivas, emocionais e sentimentais. A dramatização ou teatralização como recurso da capoeira, muito presente de forma empírica em seu jogo, pode ser treinada e desenvolvida de forma técnica. As artes dramáticas, neste sentido, podem muito contribuir para o desenvolvimento destas técnicas no jogo-luta e pode ser aproveitada como uma atividade potencialmente lúdica com as crianças.

Considerações Finais

A coordenação motora é uma qualidade física e função psicomotora de natureza bem específica, isto é, um “bom capoeira”, que tenha a coordenação motora bem desenvolvida nesta modalidade, pode não ser, necessariamente, um bom jogador de basquete, por exemplo.

Na infância, o primordial é o aprendizado correto, mas de modo lúdico e espontâneo, gradativo, natural e orgânico, e não mecânico, dos movimentos e gestos característicos e específicos da capoeira, em um processo de autodescobrimento, autoconhecimento corporal, assim como a sua percepção pelo capoeirista, conforme suas potencialidades e dificuldades individuais, sejam de ordem interna e ou externa.

A melhora e desenvolvimento da coordenação motora por meio da arte da capoeiragem não tem fim, sendo este um importante fator que faz considerável diferença na luta ou jogo de capoeira, dos movimentos e gestos do capoeirista, influenciando sensitivamente o modo individual de “ser capoeirista”, e no seu comportamento de forma geral.

Está ligada a fatores socioculturais, e à habilidade, às experiências motoras e ao princípio da adaptação. Está também estreitamente ligada ao aspecto cognitivo, ao aspecto afetivo-social, tendo relação direta e estando vinculada ao desenvolvimento de outras estruturas psicomotoras.

2 - Sucção: é um movimento, em princípio reflexo, instalado ainda antes do nascimento, o ato normal de sugar é um ato voluntário, que se inicia, segundo alguns autores, aos cinco meses de vida. É a sucção o primeiro exercício dos órgãos articulatórios. / - Mastigação: é o ato de triturar e dividir os alimentos na cavidade bucal, pela ação combinada da mandíbula e dos dentes, dos músculos mastigadores, da língua e das bochechas, seguido pelo ato de deglutir. / - Deglutição: é a passagem dos alimentos desde a boca até o estômago (ALVES, 2003, p. 59).

A coordenação motora específica da capoeira pode ser entendida como um tipo de conhecimento que está ligado ao conjunto de saberes e fazeres próprios deste patrimônio cultural, à inteligência e à sabedoria corporal dos seus sujeitos praticantes, à didática e ao conhecimento popular, à tradição dos gestos específicos, característicos e comuns da capoeira, que estão enraizadas nas entranhas históricas e socioculturais do povo brasileiro, que resistiu à inúmeras formas de repressão e foram transmitidas por gerações de capoeiristas.

De modo geral, podemos dizer que a capoeira desenvolve a coordenação motora global por meio dos seus inúmeros e variados movimentos e gestos, onde estes, quanto mais desenvolvidos, fazem a diferença da performance na prática do jogo-luta. A coordenação fina e óculo-manual é aprimorada principalmente por meio da utilização dos instrumentos musicais, pequenos gestos e alguns golpes – principalmente os deferidos com os membros superiores –, e também, para os praticantes mais adiantados, por meio dos exercícios com objetos. Já a coordenação facial é bastante desenvolvida devido ao aspecto de teatralidade do jogo da capoeira, onde as expressões faciais são fundamentais neste, o que também, pode e deve ser aproveitado como recurso pelo praticante em seu dia a dia.

Deste modo, devido à riqueza cultural e diversidade do repertório gestual motor da capoeira, aliada às características musicais e lúdicas contidas no jogo e na prática desta, é possível constatar a imensa possibilidade de meios para se desenvolver a coordenação motora na infância, proporcionando, deste modo, diversas possibilidades de benefícios cognitivos, afetivos e psicomotores por meio do brincar da capoeira, seja por intermédio da brincadeira livre ou fazendo uso de atividades lúdicas oferecidas pelos educadores e mestres de capoeira.

Referências

- ALVES, F. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Wak, 2003.
- BARROS, K. F. **Capoeira na educação infantil: teoria de ensino e atividades práticas**. São Paulo: Phorte, 2012.
- BECHARA, M. A. A Destreza Motora na Capoeira. **Revista Artus**, nº 15. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho, 1985.
- BECHARA, M. A. A Criança e a Capoeira. **Revista Artus**, nº 17. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho, 1986.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 4 dez. 2021.
- BRITO, A. C. **A influência da capoeira no desenvolvimento psicomotor de crianças**. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2015. p. 19-32.
- FONSECA, V. **Manual de Observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAS, J. L. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. 2ª ed. Curitiba: Editora Progressiva, 2007.

GOMES da COSTA, M. **Ginástica Localizada**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUSSAC, R. M. P. A materialidade de uma cultura imaterial: aspectos da cultura material da Capoeira no Rio de Janeiro no século XIX. **Horizontes** (EDUSF), 32, p. 33-42, 2014.

LUSSAC, R. M. P. A cultura material da Capoeira no Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XIX: uma análise a partir da litografia Jogar Capoeira ou danse de la guerre de Rugendas. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares** (Impresso), v. 10, p. 141-167, 2013.

LUSSAC, R. M. P. O tônus muscular enquanto portador de significado: subsídios para a compreensão do tono como linguagem corporal. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 13, p. 128, 2009.

LUSSAC, R. M. P.; MONTI, E. M. G. Repressão à capoeiragem do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX: a infância criminalizada. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 69-84, 2021.

NETO, F. R. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque Psicopedagógico**. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SANTANA, C. A. **A capoeira na promoção da educação em direitos humanos de adolescentes privados de liberdade**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

SANTOS, L. S. **Educação: Educação Física: Capoeira**. 1ª edição, Maringá: Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1990.

SILVA, G. O. **Capoeira: um instrumento psicomotor para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008.

SILVA, R. C. **Capoeira: o preconceito ainda existe?** 1ª ed. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

TUBINO, M. J. G. **Metodologia científica do treinamento desportivo**. 3ª edição. São Paulo: Ibrasa, 1984.

WEINECK, J. **Manual de Treinamento Esportivo**. 2ª edição. São Paulo: Editora Manole, 1989.

ZAKHAROV, A. **Ciência do Treinamento desportivo**. Adaptação científica Antonio Carlos Gomes. 1ª edição. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.

Recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Aceito em: 16 de dezembro de 2021.